



DENTRO DO BA(I)RRO: A HISTÓRIA ORAL COMO MEIO DE SALVAGUARDA DA MEMÓRIA DO BAIRRO DE BEBEDOURO EM MACEIÓ - AL

DENTRO DO BA(I)RRO: LA HISTORIA ORAL COMO MEDIO DE SALVAGUARDIA DE LA MEMORIA DEL BARRIO BEBEDOURO EN MACEIÓ - AL

DENTRO DO BA(I)RRO: ORAL HISTORY AS A MEANS TO SAFEGUARD THE BEBEDOURO NEIGHBORHOOD'S MEMORY IN MACEIÓ - AL

Eixo 3 - Os saberes do patrimônio

Adriana Guimarães Duarte

Doutora em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, adriana.duarte@fau.ufal.br

Giovanna Albuquerque Acioli Rios

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, giovanna.rios@fau.ufal.br

Rosana da Silva Santos

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, rosana.santos@fau.ufal.br

Resumo:

Compreendendo a importância de investigações sobre os impactos provocados pela subsidência do solo em cinco bairros no município de Maceió-AL, bem como dos efeitos danosos em seu rico patrimônio cultural (material e imaterial), este artigo delinea um estudo acerca de uma exposição itinerante que tem como objetivo preservar e difundir as relações entre o patrimônio edificado e seus usuários, tendo como estudo de caso um dos bairros afetados, Bebedouro. Para tanto, buscou-se na “história oral” de ex-moradores, identificar os locais onde eram realizadas práticas culturais relevantes para a memória do bairro e quais os bens culturais mais representativos desse território, hoje desocupado. Por meio do uso de tecnologias digitais e do exercício projetual, a proposta apresentada contempla a criação de um “lugar de memória” efêmero, que possa divulgar entre o público infanto-juvenil, os saberes e fazeres, usos e costumes, associados ao bairro, que permanecem presentes na memória das comunidades que, mesmo dispersas após a realocação, continuam atribuindo significados e sentidos às atividades antes ali praticadas.

Palavras-chave: patrimônio cultural; salvaguarda; história oral; exposição itinerante; memória.

Resumen:

Reconociendo la importancia de las investigaciones sobre los impactos provocados por la subsidencia del suelo en cinco barrios del municipio de Maceió-AL, así como los efectos perjudiciales en su rico patrimonio



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

cultural (material e imaterial), este artículo delinea un estudio sobre una exposición itinerante que tiene como objetivo preservar y difundir las relaciones entre el patrimonio edificado y sus usuarios, tomando como caso de estudio uno de los barrios afectados, Bebedouro. Para ello, se buscó en la "historia oral" de ex-residentes identificar los lugares donde realizaban prácticas culturales relevantes para la memoria del barrio y cuáles son los bienes culturales más representativos de este territorio, hoy desocupado. A través del uso de tecnologías digitales y del ejercicio proyectual, la propuesta presentada contempla la creación de un "lugar de memoria" efímero, que pueda divulgar entre el público infantil y juvenil los conocimientos y prácticas, usos y costumbres asociados al barrio, que siguen presentes en la memoria de las comunidades que, incluso después de la reubicación, continúan atribuyendo significados y sentidos a las actividades que allí se practicaban.

Palabras-clave: patrimonio cultural, salvaguardia del patrimonio, historia oral, exposición itinerante, memoria.

Abstract:

Comprehending the importance of investigations into the impacts caused by soil subsidence in five neighborhoods in the city of Maceió-AL, as well as the damaging effects on its rich cultural heritage (both material and immaterial), this article outlines a study on a traveling exhibition aimed at preserving and disseminating the connection between built heritage and its users, using one of the affected neighborhoods, Bebedouro, as a case study. To this use, we sought to identify, through the "oral history" of former residents, the places where relevant cultural practices for the neighborhood's memory were performed, and which cultural assets are more representative for this now unoccupied territory. Through the use of digital technologies and projective exercises, the proposed initiative includes the creation of an ephemeral "place of memory", which seeks to share with young audiences the knowledge and practices, usages, and customs associated with the neighborhood, which remains present in the memory of communities that, even after relocation, continue to attribute meanings and significance to the activities once practiced there.

Keywords: cultural property, safeguard of cultural heritage, oral history, traveling exhibitions, memory.



DENTRO DO BA(I)RRO: A HISTÓRIA ORAL COMO MEIO DE SALVAGUARDA DA MEMÓRIA DO BAIRRO DE BEBEDOURO EM MACEIÓ - AL

INTRODUÇÃO

Em 2018, tremores, rachaduras e, posteriormente, a abertura de crateras evidenciaram para a população maceioense a subsidência do solo, causada pela mineração de sal-gema, que ocorre desde a década de 1970, com a instalação da petroquímica Braskem (antiga Salgema). Foram atingidos os bairros do Pinheiro, Farol, Mutange, Bom Parto e Bebedouro (Figura 1), este último, um dos bairros de ocupação mais antigos e, por isso, reconhecido pelo Plano Diretor de Maceió (2005) como Zona Especial de Preservação (ZEP-3)¹. O iminente risco de afundamento do solo deflagrou medidas emergenciais por parte da Defesa Civil, que delimitou áreas de risco nos cinco bairros, através de mapas com diferentes níveis de criticidade. As áreas definidas como de “criticidade 00” exigiram ações de realocação dos moradores, com a demolição imediata de 6.356 edificações (Vassileva, 2021), e as áreas de “criticidade 01” demandaram ações de monitoramento. Desde então, o mapa foi atualizado algumas vezes e sua última versão (Figura 2) foi elaborada no final de 2023, quando a ameaça de colapso em uma das minas colocou também em risco algumas regiões limítrofes às delimitações anteriores, ampliando o território diretamente atingido.



Figura 1: Posição geográfica de Alagoas no Brasil, com destaque para a capital alagoana, Maceió, e área dos bairros afetados.
Fonte: Autoras (2024).

¹ O município não possui legislação específica para proteção do patrimônio cultural, como o Tombamento, sendo, portanto, o Plano Diretor o instrumento legal que regulamenta a preservação dos bens culturais (materiais e imateriais) de Maceió. Ressalta-se que o Plano em vigência data do ano de 2005 e encontra-se atualmente em fase de revisão, após várias tentativas frustradas que iniciaram-se em 2015.

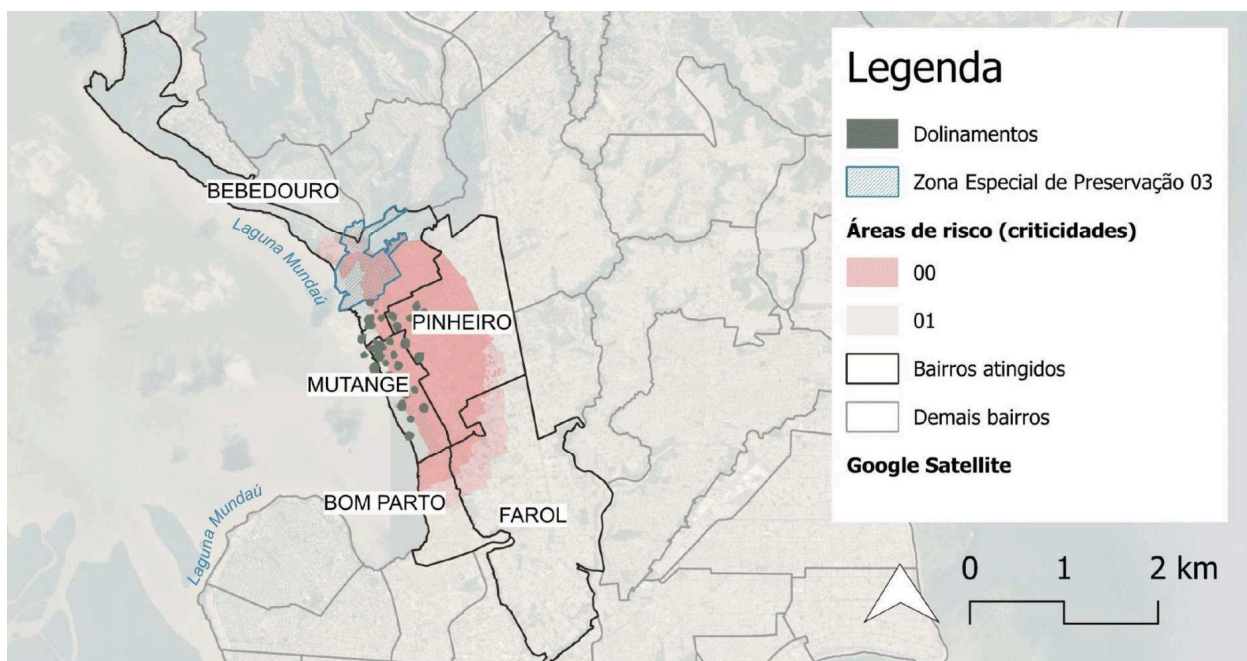


Figura 2: Bairros afetados, áreas de risco, dolinamentos e Zona Especial de Preservação 3. Elaborado com base do Google Maps e informações fornecidas pela Defesa Civil de Alagoas.
Fonte: Autoras (2024).

Essa tragédia tem sido danosa para os aspectos habitacionais, a mobilidade, o comércio, o saneamento, a saúde, a educação, o patrimônio histórico, social e cultural, entre outros, transformando uma região, antes tão dinâmica, em bairros-fantasma (Figura 3). Entendendo a importância de investigações sobre os impactos nessas diversas esferas, que têm causado efeitos danosos na estruturação da cidade de Maceió, este artigo delineia um estudo acerca do bairro do Bebedouro - patrimônio cultural da cidade - a partir da “história oral” de ex-moradores e usuários. O interesse pelas narrativas surge da desmaterialização dos suportes físicos existentes na área, já que as demolições recomendadas pela Defesa Civil, como caráter preventivo, continuam em curso. Logo, compreende-se a necessidade de manutenção da memória das manifestações culturais do bairro, assim como dos fragmentos da história, reveladores de conhecimentos e práticas culturais que inter-relacionavam-se com os espaços e contextos sociais onde ocorriam, inclusive, com o seu patrimônio edificado.



Figura 3: Vista aérea de residências do bairro Bom Parto depois do crime ambiental.
Fonte: Jonathan Lins. (2024)



ARQUI MEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

Bebedouro - a cidade dentro da cidade

No início do século XIX, a cidade de Maceió caracterizava-se por sua importância comercial, dado seu privilégio de possuir uma região lagunar e marítima, que facilitava a entrada e saída de produtos, desde o centro do Estado ao exterior. Seu núcleo urbano concentrava-se no bairro de Jaraguá e importantes vias às margens da Laguna Mundaú conectavam a cidade a outras localidades. Segundo Ticianelli (2020), o bairro de Bebedouro surge a partir de uma dessas vias, a Estrada de Bebedouro, sendo um lugar de confluência, com um pequeno porto e a presença do Riacho do Silva, que supostamente dá nome ao bairro, devido ao costume dos viajantes que ali transitavam, utilizarem suas águas para consumo. Na figura 4, recorte de um mapa de abastecimento de água de Maceió em 1859, é possível observar a presença de elementos que ainda compõem a paisagem atual do bairro, como a Ponte (1) que liga o centro de Maceió à região mais alta da cidade, conhecida como Tabuleiro; o Riacho do Cardoso (2) (anteriormente citado como Riacho do Silva) e a Igreja Matriz de Santo Antônio (3).

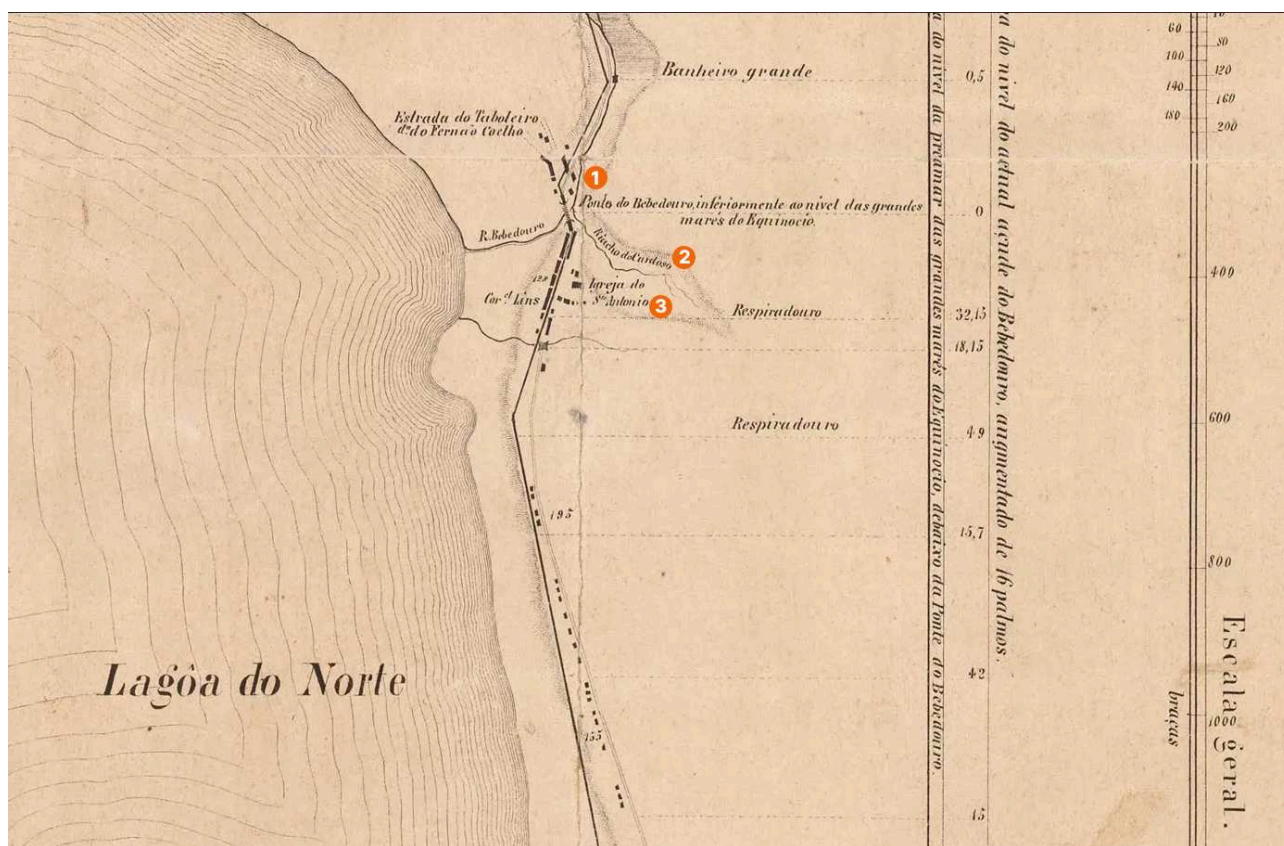


Figura 4: Recorte da Planta e nivelamento para o encanamento das águas do Riacho Bebedouro à cidade de Maceió, de 1859.
Fonte: Lith. Imperial de Ed. Rensburg. Rio de Janeiro (1859).

Em fins do século XIX, como parte da antiga rota de evolução urbana de Maceió, Bebedouro recebe vias que permitem uma melhor conexão com o restante da cidade e, como consequência, recebe também instalações de infraestrutura, casarões e instituições, dentre elas a Sociedade

Nossa Senhora do Bom Conselho² (Figura 5). Edificada em 1877, na principal via de acesso ao bairro, Av. Major Cícero de Góes Monteiro (antiga Estrada de Bebedouro), a instituição foi idealizada em um contexto de seca, no qual o número de órfãos era alto, em decorrência também do envio de soldados à Guerra do Paraguai³. Desta forma, Dom Pedro II liberou verbas para criação do “Asylo das Órphãs Desvalidas de Nossa Senhora do Bom Conselho”, com a intenção de abrigar e ensinar às meninas órfãs da referida Guerra. Posteriormente, recebeu o nome de “Escola Estadual Nossa Senhora do Bom Conselho”, sendo tombada em instância estadual em 19 de julho de 1999, pelo Decreto nº 38.081, de acordo com a Secretaria de Estado da Cultura de Alagoas (2024).



Figura 5: Escola Estadual Nossa Senhora do Bom Conselho, patrimônio histórico de Alagoas.
Fonte: Portal de Arquitetura Alagoana (2018).

O livro “Bebedouro, Comunidade de História e Fé” (2003), que fez uso de depoimentos da comunidade para registrar fatos marcantes na história da Paróquia de Bebedouro, exemplifica outros bens culturais referenciais para as comunidades envolvidas, como a Praça Cel. Lucena Maranhão, localizada em frente à emblemática Igreja Matriz de Santo Antônio - padroeiro do bairro (Figura 6); e as lendárias celebrações, outrora realizadas, promovidas por personalidades

² Complexo Arquitetônico Sociedade N. Sra. do Bom Conselho é o único bem protegido no bairro em âmbito estadual, com o instrumento do Tombamento, realizado pela Secretaria de Estado da Cultura por meio do Decreto nº 38.081, em 19 de julho de 1999.

³ A Guerra do Paraguai ocorreu entre outubro de 1864 a março de 1870. Segundo Bueno (2010), foi a maior, mais longa e violenta guerra da América Latina.

bebedourenses, como o Major Bonifácio Silveira, que “foi o organizador das grandes festas, trazendo fama ao bairro de Bebedouro com as festas natalinas, que atraíam gente dos mais variados lugares, inclusive de outros Estados...” (Lemos, 2003, p. 38).

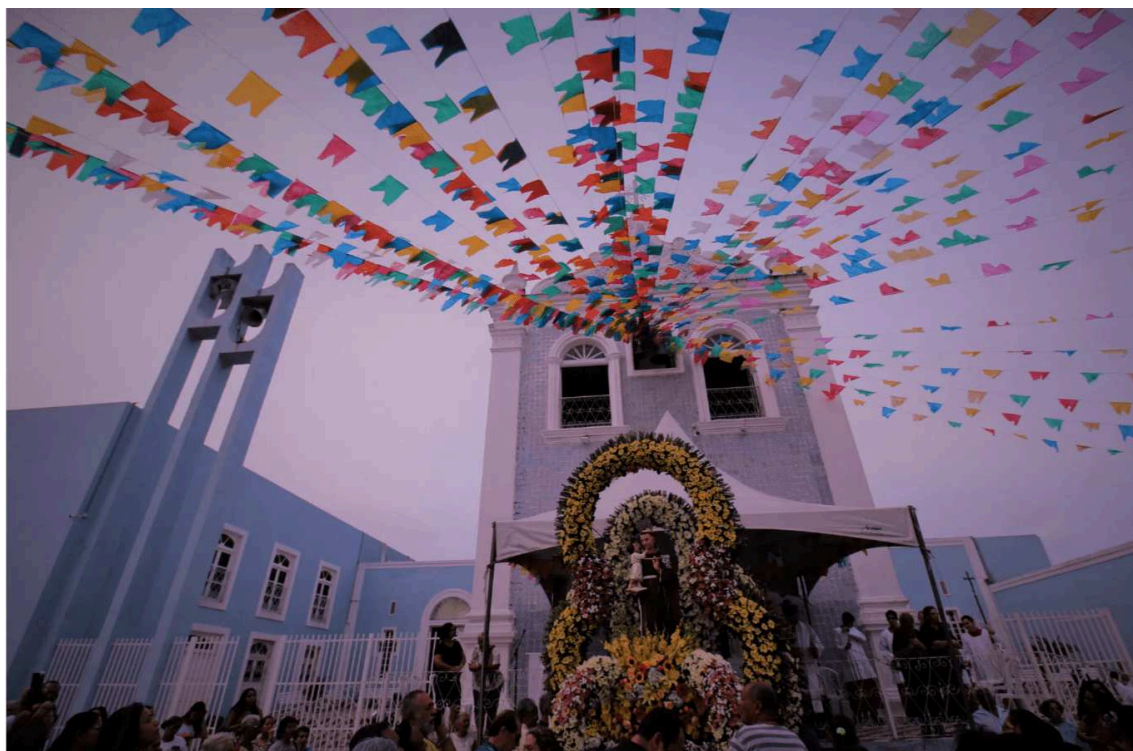


Figura 6: Procissão de Santo Antônio de Pádua, padroeiro do bairro de Bebedouro.
Fonte: Arlindo da Silva Cardoso e Fernanda Rechemberg (2019).

Entre o Natal e o carnaval, a população alagoana, sobretudo bebedourense, vivia com expectativas para a próxima festa preparada por Bonifácio Magalhães da Silveira, popularmente conhecido como Major Bonifácio (Figura 7). De acordo com Ticianeli (2015), ele chegou nas terras maceioenses no fim do século XIX, quando trabalhava como caixeiro na loja de seu irmão. Com o passar do tempo, ascendeu socialmente, atuando como conselheiro municipal, intendente da cidade, comandou a Polícia Militar, foi deputado estadual e ocupou outros importantes cargos na área militar e política. Para além disso, envolveu-se com causas sociais e culturais, organizando festas e eventos, principalmente no bairro do Bebedouro - onde morava - que ficou conhecido como “República da Alegria”. Os carnavais concentravam blocos, desfiles e clubes carnavalescos, enquanto no Natal havia apresentações de folguedos, como a Chegança⁴, exibida numa barca montada na Praça Cel. Lucena Maranhão.

⁴ Folguedo tipicamente natalino com temática marítima, que dramatiza em uma sequência de episódios cantados e declamados, com danças, os ciclos dos navegantes e descobridores. Estimulam o sentimento de amor à terra, dos feitos históricos e da defesa da fé. Segundo o pesquisador e folclorista Théo Brandão (2003, p. 101): “é a versão brasileira ou melhor nordestina da Mouriscadas da Península Ibérica e das Danças Mouriscas da Europa”. Tradicionalmente, o grupo veste-se de marujo, de acordo com suas patentes e postos, e sai pelas ruas entoando marchas até a porta da Igreja, “onde faz louvações ao nascimento do Menino Jesus, seguindo depois ao local onde vai dançar” (SECULT, 2016, p. 10).



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024



Figura 7: Major Bonifácio Silveira e dançarinas de folguedos alagoanos no início do século XX.
Fonte: Edberto Ticianeli (2015).

Nota-se ainda, a estreita relação entre as múltiplas expressões do patrimônio cultural de Bebedouro e a Laguna Mundaú (Figura 8), conhecida por sua beleza natural e importância socioeconômica para os municípios de Maceió, Santa Luzia do Norte e Coqueiro Seco. A riqueza natural de suas águas permite a sobrevivência de pescadores e marisqueiras⁵, cuja atividade econômica se reflete em alguns exemplares do patrimônio edificado do bairro, como a Colônia de Pescadores e a Igrejinha de São Pedro (padroeiro dos pescadores), já demolida por solicitação da Defesa Civil. Diversas manifestações culturais contribuíam para a dinâmica do bairro de Bebedouro, como a procissão em homenagem ao santo e a Corrida de Canoas, celebração que ocorria na laguna Mundaú e reunia pescadores locais no Porto do Sururu, elemento de composição da paisagem lacustre⁶ e referencial histórico da localidade. O evento anual⁷ concedia uma premiação ao vencedor, promovendo e valorizando o ofício dos pescadores locais e seus saberes.

⁵ Marisqueiras são pescadoras que realizam a extração de moluscos de manguezais, de forma artesanal e manual, assim como o processo de limpeza e armazenagem para posterior venda. Um dos moluscos de maior destaque é o sururu, encontrado na Laguna Mundaú. A cadeia produtiva do sururu é considerada Patrimônio Imaterial do Estado de Alagoas, desde 2014, dada a sua relevância econômica e cultural.

⁶ Cabe ressaltar, nesse contexto, o conceito de “Paisagem Cultural”, categoria de Patrimônio Cultural criada em 1992 pela Unesco e incorporada no Brasil pelo IPHAN com a Portaria nº 127/2019. A Paisagem Cultural, que tem a chancela como instrumento protetor, compreende “não somente patrimônio edificado, mas também o ambiente onde vivem e trabalham cotidianamente diversos grupos sociais, assim como as suas tradições, costumes e manifestações típicas” (Scifoni, 2016).

⁷ A tradicional Corrida de Canoa ocorreu novamente este ano (2024) e contou com o apoio de candidatos à eleição no município de Maceió.



Figura 8: Pôr do sol na Laguna Mundaú em Maceió-AL.
Fonte: Izinha Tavares (2014).

OBJETIVOS

Diante do cenário de demolições e rupturas sociais, o artigo busca refletir sobre a salvaguarda do patrimônio cultural material e imaterial do bairro do Bebedouro, identificando as memórias presentes no cotidiano da população, entre ex-moradores e usuários de Bebedouro, registrados através da Exposição Cartográfica Cidade de Afetos (IDEAL, 2021) e de entrevistas realizadas pelas autoras para complementar a coleta de dados. Objetiva-se também investigar possibilidades de salvaguarda desse patrimônio cultural para as gerações futuras, através de um “lugar de memória” itinerante, por meio do uso de novas tecnologias utilizadas no campo da museologia atual, como mostras interativas, acervos digitais e escaneamento 3D, abrigados em uma arquitetura efêmera, de modo a “materializar” os bens culturais que podem vir a sofrer um processo de apagamento.

Intenta-se assim, através da exposição interativa, converter o observador em participante - envolvendo-o em experiências sensoriais - e contribuir com a educação patrimonial de crianças e jovens que não terão a possibilidade de vivenciar pessoalmente a história do Bebedouro, devido à desocupação da região por conta da mineração. Sobretudo, porque não há previsão de reocupação da área, nem do livre acesso aos poucos exemplares construídos que devem ser mantidos íntegros, por força do Acordo Socioambiental firmado com o Ministério Público Federal com anuência do Ministério Público Estadual e Prefeitura de Maceió. Com a “diáspora” ocorrida entre os fazedores culturais, lugares, festas, celebrações, formas de expressão e saberes já se perderam ou vivem na iminência do esquecimento, caso não sejam protegidos, visto que são reconhecidos pelas comunidades como significativos à sua história, memória e dinâmicas de



convívio e socialização. Pretende-se que essa história — sobrevivente nos registros audiovisuais, documentais e, sobretudo, na memória que perdura em quem fez parte dela — seja materializada a partir de objetos, imagens, textos, mapas interativos, *videomapping* e potencializada pelo uso do efeito *surround* para que os sons dos relatos e a musicalidade agregada às manifestações possam contribuir com a narrativa que se pretende preservar.

METODOLOGIA

Fundamentação - revisão bibliográfica e estudos de caso e repertório

Para fins de fundamentação teórica, foram realizadas leituras sobre conceitos essenciais, como “referência cultural” (IPHAN, 2000), “memória coletiva” (Halbwachs, 1990), “lugar de memória” (Nora, 1993), “sítios de consciência” (Briones, 2015) e a relação entre memória e identidade social (Pollak, 1989). “A memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (Pollak, 1992, p. 201). Outras leituras foram essenciais para o entendimento do patrimônio cultural da cidade de Maceió, em específico os bairros atingidos, como as consultas ao Quadro de Tombamentos de Alagoas (SECULT, 2014) e ao produto final do projeto de PIBIC 2022/2023 “Levantamento do Patrimônio Imaterial nos bairros em subsidência: Mutange, Bom Parto, Bebedouro, Pinheiro e Farol” (Duarte et al, 2023). Adicionalmente, leituras sobre o processo de produção de inventários participativos e sobre estratégias para salvaguarda de bens culturais imateriais também foram contempladas, dentre elas a cartilha “Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais” (IPHAN, 2012) e o manual “Educação Patrimonial: inventários participativos: manual de aplicação” (IPHAN, 2016).

Para alcançar o objetivo do exercício projetual, foram realizados estudos de caso sobre exposições itinerantes (a exemplo das exposições do Atelier des Lumières, em Paris, e do teamLab Planets, no Japão), cujos recursos digitais vêm favorecendo experiências em ambientes polissensoriais, intensificando a interação com o tema, bem como por meio de visitas realizadas pelas autoras em exposições imersivas que ocorreram no Brasil (Van Gogh, Portinari e Frida Kahlo), além de visitas a diversos museus e exposições que vêm usando a interatividade como recurso expositivo (Museu do Ipiranga, Museu da Língua Portuguesa, Museu do Amanhã, Museu das Minas e do Metal, Memorial Minas Gerais Vale, Espaço do Conhecimento UFMG, Centro de Arte Popular - CEMIG, entre outros) e da execução de espaços museais no Brasil (Alagoas e São Paulo).

Além disso, foi analisado o projeto “Arquitetura Efêmera - Construção Coletiva de um Monumento de Papelão” do artista francês Olivier Grossetête, um convite à experimentação de novas formas de projetar uma arquitetura “transitória”, por ser “um evento artístico em que cada um encontra seu lugar, numa performance coletiva” (Vitruvius, 2018). Em 2018, Grossetête realizou a construção conjunta de um exemplar de papelão da Catedral da Sé, em São Paulo, através de oficinas com os participantes para reprodução do templo gótico. Dessa forma, pretende-se refletir sobre a manutenção dos bens culturais atingidos no bairro, da sua relação com a materialidade, memória, impermanência, significados, e a possibilidade de recriação dos sentidos vividos. Para tanto, intervir no espaço educacional com estratégias semelhantes, concebendo plasticidades, tendo como suporte materiais leves e de fácil manipulação em processos colaborativos, com o



intuito de maior adesão por parte das crianças e jovens, pode ser um instrumento de ressignificação das dores tão constantes entre as narrativas.

História oral - entrevistas não estruturadas

Para a coleta de dados sobre a história do bairro, foram utilizadas fontes audiovisuais e documentais já disponibilizados nas mídias digitais, bem como registros realizados pelas autoras em experiências prévias com a região, mas o foco deste trabalho é a construção da identidade coletiva do Bebedouro a partir das histórias contadas pelos seus antigos moradores e pessoas que possuíam intimidade com a região, entendendo que a história deve ser contada por seus protagonistas. Assim como ocorre no filme *Narradores de Javé*, de Eliane Caffé (2004), em que, diante da iminência de uma inundação devido à construção de uma hidrelétrica no Vale de Javé - povoado fictício no nordeste brasileiro - a comunidade se empenha em, unida, construir um dossiê elencando a história local. Para isso, atribuem ao personagem Antônio Biá (o único alfabetizado do Vale) a responsabilidade de colocar em palavras o que ele coletaria através de conversas com a população.

No enredo do citado filme, ocorrem discordâncias e confusões entre os personagens, ressaltando a concomitância das histórias. “Deve ter contado puxando pro lado dele” (Caffé, 2004) é uma fala da personagem Deodora sobre a colaboração que outra pessoa teve na construção da grande história de Javé. Assim, observa-se como a captação da memória através da história oral se dá a partir de um processo de interseção entre as memórias transmitidas, não a fim de identificar a veracidade delas, mas sim, compreender as trocas sociopolítico-econômicas e culturais, identificando seus pontos de convergência e divergência.

Diante desse entendimento, foram selecionadas sete pessoas já conhecidas pelas autoras que possuíam relações - habitacionais ou acadêmicas - com o Bebedouro para a realização de conversas informais sobre suas memórias atreladas ao local. Algumas discussões ocorreram de maneira presencial, através de encontros em espaços públicos, e outras de maneira remota, por meio de ligações telefônicas. Os relatos foram registrados com o auxílio de anotações à mão e em plataformas como *Google Docs*, e, posteriormente, distribuídos e analisados no *Google Planilhas*, para que pudesse ser levantado o quantitativo dos aspectos presentes na memória dos protagonistas deste estudo, entendendo como cada história foi marcada pelos bens culturais (materiais e imateriais) relatados. No que diz respeito à interpretação dos dados coletados, Pollak (1992) ressalta:

No caso das diversas pesquisas de história oral, que utilizam entrevistas, sobretudo entrevistas de história de vida, é óbvio que o que se recolhe são memórias individuais, ou, se for o caso de entrevistas de grupo, memórias mais coletivas, e o problema aí é saber como interpretar esse material (Pollak, 1992, p. 200).

As memórias foram cruzadas entre si e com o território no qual se especializam, para possibilitar - na última etapa deste trabalho - a proposição de uma materialidade que as contemple, consolidando um “sítio de consciência”⁸, que possa manter viva a lembrança do crime ambiental,

⁸ De acordo com Briones (2015, p. 3), entende-se por sítios de consciência: os “espaços destinados a usar o local de memória como ferramenta pedagógica, promovendo a cultura dos direitos humanos e a reparação simbólica”. Promovem valores humanitários e democráticos e oportunizam a participação pública”.



mas, sobretudo, as memórias bebedourenses, protagonistas de grande parte da história de Maceió.

RESULTADOS

Consolidação da memória - análise das entrevistas não estruturadas

A “República da Alegria”, como ficou conhecido o bairro do Bebedouro, reunia muitos aspectos que faziam jus a essa denominação, de acordo com as memórias relatadas pelos ex-moradores e usuários do bairro. Com diferenças geracionais (quase secular), socioeconômicas, de raça e gênero, as pessoas que participaram das conversas possuem narrativas que se encontram e se distanciam, mas alguns pontos destacaram-se, mostrando-se, assim, importantes para a manutenção da história a ser transmitida para as próximas gerações. Foi elaborado um gráfico (Figura 9) com o intuito de catalogar os bens culturais mais abordados e a quantidade de pessoas que os citaram, setorizando-os por categorias, de acordo com o Decreto 3.551/2000, que instituiu o instrumento legal para o reconhecimento e a preservação de bens culturais imateriais: o Registro. Importante salientar que a efetivação da proteção jurídica se dá por meio da inscrição em um ou mais de seus quatro Livros, cujos nomes representam as categorias definidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Cultural (Iphan): os Livros de Registros dos Saberes⁹; das Celebrações¹⁰; das Formas de Expressão¹¹ e; dos Lugares¹². É válido ainda destacar que, como os Lugares possuem uma materialidade bastante expressiva, podem ainda ser alvo de Tombamento, posto o seu suporte material ser o próprio bem em si, como é o caso da Escola Estadual Nossa Senhora do Bom Conselho, tombada pelo Estado e também citada devido ao senso de pertencimento que em si evoca na comunidade.

Sobre a diversidade de bens culturais, materiais e imateriais abaixo elencados, convém ressaltar o entendimento sobre “referência cultural”, expressão que tem como base a concepção antropológica de cultura, amplia as interpretações no que se refere à preservação de bens culturais.

Referências são edificações e são paisagens naturais. São também as artes, os ofícios, as formas de expressão e os modos de fazer. São as festas e os lugares a que a memória e a vida social atribuem sentido diferenciado: são as consideradas mais belas, são as mais lembradas, as mais queridas. São fatos, atividades e objetos que mobilizam a gente mais próxima e que reaproximam os que estão distantes, para que se reviva o sentimento de participar e de pertencer a um grupo, de possuir um lugar. Em suma, referências são objetos, práticas e lugares apropriados pela cultura na construção de sentidos de identidades, são o que popularmente se chama de ‘raiz’ de uma cultura (IPHAN, 2000, p. 29).

⁹ Segundo o Iphan (2012, p. 23) os Saberes são os “conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades”.

¹⁰ Celebrações são os “rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social” (Iphan, 2012, p.23).

¹¹ Entende-se por Formas de Expressão as “manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas”, de acordo com o Iphan (2012, p.23).

¹² São reconhecidos como Lugares os “espaços como mercados, feiras, praças e santuários, onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas” (Iphan, 2012, p.23).

Aspectos presentes nas Memórias Relatadas

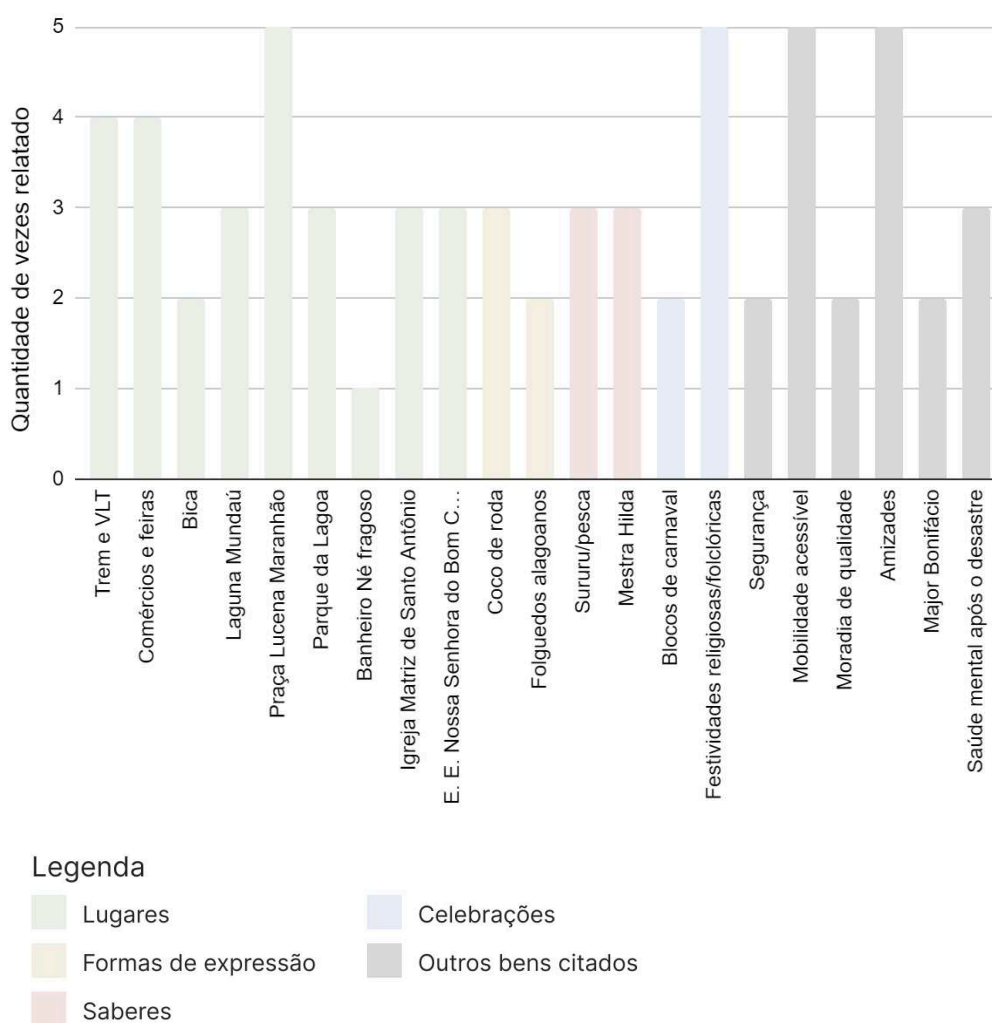


Figura 9: Gráfico de barras com comparativo de aspectos presentes nas Memórias Relatadas.
Fonte: Autoras (2024).

Entre conversas presenciais e por telefone, as falas revelaram alguns aspectos importantes que puderam contribuir para a compreensão do imaginário coletivo sobre o Bebedouro, que tem sua importância patrimonial reconhecida, não apenas por seus antigos moradores, mas pela comunidade maceioense. Na figura 09, é possível notar como o espaço urbano é determinante para a formação da imagem do bairro, visto que nove aspectos se referem a Lugares. A linha férrea, que atualmente serve também para uso do Veículo Leve sobre Trilho (VLT), destaca-se como importante meio de transporte, tanto pelo preço da passagem quanto pelo tempo total de viagem, permitindo a conexão rápida entre o bairro e as outras localidades, com um baixo custo.



Comércios e feiras foram também citados, à medida em que as pessoas lembravam-se de suas próprias rotinas, como as feiras aos sábados, que comercializavam produtos advindos do interior do estado; e a feira na ponte sobre o Riacho do Cardoso, um dos principais pontos de venda de sururu (e por isso conhecida como Porto do Sururu) e de carne na memória de uma das ex-moradoras.

Próximo à ponte, cerca de 200m, lembranças de uma egressa revelaram os bons tempos de estudo e amizades no Colégio Bom Conselho. A ex-aluna, que estudou no colégio nos anos 1980 - quando o local ainda disponibilizava o curso Pedagógico, conta que escolheu a referida instituição pela qualidade de ensino, conhecida por todos, e que as vagas eram muito concorridas. Nos dias em que tinha aula à tarde, ela relembra que ia almoçar na casa da amiga, que era moradora de Bebedouro, e que costumavam frequentar a Praça Coronel Lucena Maranhão. Na conversa, ainda foi possível conhecer alguns detalhes da arquitetura do Bom Conselho e as dinâmicas de ensino, dizendo que “a estrutura era aquela arquitetura antiga bem bonita, bem conservada... eu achava lindo aquele colégio. O piso era aquele bem antigo, de mosaico... lindo. As paredes também. O colégio era enorme, tinha muitas salas no térreo e no primeiro andar, e tinha o anexo. Era tudo muito bem cuidado, porque as irmãs sempre foram caprichosas”. A entrevistada conta que as alunas mais carentes estudavam no regime interno, tinham aulas e ajudavam na organização de tudo, cada uma com seu quarto e sua função.

Outro lugar afetivo na memória coletiva é a Praça Cel. Lucena Maranhão. De acordo com Lemos (2003), desde o século XIX, a praça já teve quatro denominações diferentes: Praça Sto. Antônio; praça Dr. Ribeiro de Menezes, em 1889; Praça Major Bonifácio da Silveira; e a atual, Praça Cel. Lucena Maranhão, a partir de 1956. Lemos (2003) diz que “A praça é do povo. É o coração de Bebedouro onde tudo começou”. E, de fato, através das conversas, percebe-se que a praça caracteriza-se como um espaço público de encontros, permanências e palco de manifestações culturais. Era lá onde ocorria a famosa festa de Natal de Bebedouro, que “se vestia” com ornamentação natalina, de acordo com um dos ex-moradores, além de ser local de concentração para a procissão em homenagem ao padroeiro do bairro: Santo Antônio, cuja Igreja encontra-se em frente à praça. A proximidade entre ambas justifica a estreita relação desse espaço público e as festividades religiosas que lá ocorriam. Uma das pessoas revela que os encontros na praça aconteciam somente quando havia as festas, deixando outros encontros para serem realizados nas casas de amigos e familiares.

Uma das primeiras conversas para captação de memórias foi com uma ex-moradora de Bebedouro e também brincante, há 11 anos, no grupo Reviver Alagoano de Coco de Roda, fundado na paróquia de Santo Antônio. Por intermédio de suas falas, nota-se a importância do território nas dinâmicas do Coco, visto que os ensaios se davam, sobretudo, na Praça Cel. Lucena Maranhão, que, segundo ela, “ajudava a divulgar o grupo, pois as pessoas chegavam lá para assistir e perguntar como fazia para participar”. Outra figura notável, citada não somente pela ex-moradora, mas também por uma estudiosa da temática com a qual as autoras conversaram, foi a Mestra Hilda do Coco. Nascida em 1921, Mestra Hilda foi uma importante referência nos folguedos populares de Alagoas, dançava e cantava pagode de Coco e integrava também o grupo das Baianas. Era em sua residência que os brincantes aprendiam a dançar e cantar, e passavam para pegar emprestadas as roupas das apresentações, como uma espécie de acervo do Coco. Ressalta-se aqui o valor das casas dos mestres como espaços de transmissão do saber, não somente de Mestre Hilda, mas de Mestre Benon do Guerreiro - outro grande nome da cultura popular alagoana.



Tratando-se das celebrações, dentre as figuras bebedourenses citadas, o Major Bonifácio sempre foi considerado um dos expoentes das manifestações folclóricas em Bebedouro, que culminaram no encontro entre moradores e pessoas vindas de toda a cidade de Maceió. Além de apresentações na citada praça, o Major também as promovia em sua própria residência, onde a população maceioense se reunia para contemplar os folguedos ao longo de todo o ano. Os folguedos natalinos e juninos, como a Chegança, os Guerreiros, as Baianas, o Pastoril e o Coco de Roda estão presentes na memória coletiva até os dias atuais. Assim como os folguedos, os blocos carnavalescos do bairro encontram-se vivos nas lembranças de gerações mais recentes, que relembram blocos tradicionais como o Bloco da Raposa, o Bloco da Cegonha e do Xexéu. Estes, apropriavam-se das ruas e praças do bairro, levando alegria e tradição.

A Laguna Mundaú, citada por três pessoas, é um elemento da paisagem que se faz presente no cotidiano de muitos alagoanos. Limítrofe às cidades de Marechal Deodoro, Coqueiro Seco, Santa Luzia do Norte e Maceió, banha as margens de vários bairros da capital, como é o caso do Bebedouro. A fim, então, de tecer a relação desse corpo d'água com as margens do bairro em questão, algumas das pessoas que contribuíram com as informações relataram que ali concentrava-se a venda de peixe e sururu, onde se estabeleciam relações comerciais, encontros e trocas sociais. Hoje, os antigos moradores, distantes da lagoa, relatam com saudade a praticidade em comprar alimento: "Queria um sururu, um peixe, ia lá na lagoa e tirava. Tudo muito barato e perto. Já tinha a mistura do almoço." Para além da subsistência, a Laguna manifesta-se enquanto patrimônio natural, sendo um importante marco visual e de referência. "A lagoa é uma mãe", costuma dizer um familiar de uma das pessoas com quem conversamos, cujo quintal de sua antiga casa era - e ainda é, de certa forma - a lagoa, paisagem vista de vários pontos do Bairro.

Os laços, amizades e trocas sociais também foram uma constante nas falas dos antigos moradores. Apesar de se apresentarem de forma sutil, por vezes como gestos "abstratos" em meio ao cotidiano, materializam-se e deixam rastros nos espaços que os possibilitam. De acordo com os relatos, essas relações interpessoais estabeleceram-se ao longo de muitos anos por meio de encontros, diálogos e, sobretudo, olhares capazes de promover a sensação de pertencimento e segurança, testemunhando o conceito dos "olhos da rua" (Jacobs, 1961), que justifica a segurança urbana diante da observação passiva que ocorre com a presença das pessoas no lugar. "Todo mundo se conhecia"; "Era um lugar calmo. Ótimo de morar"; "Era como se fosse uma grande família" foram algumas frases que escutamos dos antigos moradores que, com pesar, relataram o espraiamento dessa grande família em vários bairros da cidade, distantes da "República da Alegria".

Apesar de não se tratar de uma memória, um aspecto chamou a atenção das pesquisadoras: a preocupação de antigas moradoras diante da saúde mental das pessoas afetadas, evidenciando os laços afetivos entre os vizinhos. Sabe-se que muitos moradores passaram a sofrer de ansiedade, depressão, síndrome do pânico e outras doenças (Tribuna Hoje, 2023) e, quando questionadas sobre o que as futuras gerações precisam saber sobre o Bebedouro, algumas pessoas salientaram a injustiça de ter seus vizinhos adoecendo diante do crime, pedindo que isso fosse registrado na história. Observa-se nesse contexto, que a criação de um "sítio de consciência" poderia atender ao desejo de alguns participantes da pesquisa.

As dinâmicas da história oral - que ora fortalecem, ora embaralham os próprios argumentos - foram percebidas e evidenciadas pelas pessoas com quem conversamos. Esse método possibilitou a interseção entre mesmos elementos abordados de diferentes - ou semelhantes - maneiras por duas ou mais pessoas. Contudo, foi especialmente interessante perceber como



alguns elementos insistiam em se repetir nas memórias individuais, quando uma pessoa citava várias vezes um mesmo dado, uma vez que “há nessas voltas a determinados períodos da vida, ou a certos fatos, algo de invariante” (Pollak, 1992, p. 201). Essa percepção direcionou a construção da narrativa do bairro de tal maneira que pudesse destacar tanto os elementos comuns à memória coletiva, como os mais citados nas memórias individuais.

Arquitetura efêmera - entre a transitoriedade do espaço e a permanência da memória

As lembranças das pessoas, ao serem relatadas, vieram juntas de falas e expressões saudosas e, por vezes, esperançosas de um retorno ao território que foi deixado para trás e ficou vivo na memória, contudo, “se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares” (Nora, 1993, p. 8). Como isso não é possível, propõe-se uma exposição efêmera 10m x 10m¹³ que deve percorrer pelas escolas do município, implantando-se em quadras poliesportivas que normalmente medem 20m x 30m. A ideia é atingir o público em fase escolar - podendo estender-se aos adultos - a fim de que as narrativas do bairro do Bebedouro não se dissolvam com o passar do tempo e das gerações, mas sim rememoradas através da criação de um “sítio de consciência”, cujo significado envolve mais do que o lugar onde os fatos ocorreram, podendo ser espaços institucionais, criados ou adaptados, sendo o seu objetivo maior o de criar consciência (Briones, 2015). A exposição se dá a partir da instalação de uma estrutura modular flexível com o uso de placas que se articulam e interceptam, criando um percurso com fluxo não projetado, mas sugerido (Figura 10), contando com uma entrada (Figura 11) e uma saída que podem ter suas funções invertidas se for do desejo de quem usa o espaço, afinal, atualmente, não há fluxo entre as estruturas arruinadas após a remoção dos moradores. Vale destacar que uma vista em planta os painéis lembram as paredes das edificações desocupadas, sem tetos (Figura 03).



Figura 10: Perspectiva de uma das possibilidades de montagem da exposição e os fluxos variáveis dos usuários.
Fonte: Autoras (2024).

¹³ Podendo variar a depender do arranjo escolhido.



Figura 11: Colagem digital com perspectiva do anteparo/pórtico de entrada da exposição.
Fonte: Autoras (2024).

A fim de aumentar o alcance da exposição e tendo como foco o público infantojuvenil¹⁴, a proposta aqui apresentada, buscou torná-la itinerante possibilitando seu deslocamento por várias escolas, adaptando-se, desse modo, aos espaços disponíveis, sem um necessário vínculo com o solo; assim como a desmaterialização do patrimônio cultural dos bairros atingidos. O interesse nessa temática iniciou-se durante a graduação, quando as autoras tiveram a oportunidade de participar (enquanto docente avaliadora e discentes) da disciplina de Introdução ao Projeto de Arquitetura e Urbanismo, no segundo período do curso, que tratava da efemeridade. A partir de estudos sobre a escala do corpo, temporalidade e materialidade, foi elaborado um projeto para um espaço efêmero, cujo objetivo era favorecer a contemplação e a criatividade¹⁵.

Para atender às necessidades de fácil transporte e remodelação, de acordo com o espaço que receberá a instalação, a flexibilidade faz-se princípio essencial da estrutura proposta. Pensou-se ainda, em um material reciclável, que remetesse ao reaproveitamento dos materiais de construção das edificações que foram removidos logo após a realocação dos moradores¹⁶. Para isso, o material a ser utilizado é a placa de OBS¹⁷ (*Oriented Strand Board*), ou tiras de madeira orientadas (em tradução para o português). Embora existam opções de espessuras distintas no mercado, para garantir a leveza desejada nessa composição, serão usadas as menos espessas, de 8mm. Somando um total de 25 painéis iguais - com 120mm de largura x 210mm de altura e 8mm de espessura - deverão receber recortes a laser no formato de fissuras irregulares, tornando as

¹⁴ O termo se refere a crianças (4 a 12 anos) e adolescentes (12 a 18 anos), em fase escolar, portanto.

¹⁵ O trabalho elaborado pelas discentes teve como exercício a implantação de um espaço lúdico, a situar-se no Parque Taquaral, em Campinas-SP, que tomou como partido de análise o corpo de quem grafita.

¹⁶ Ao saírem de suas casas muitos moradores removeram portas, janelas, madeiramento do telhado, telhas, louças e metais entre outros materiais e equipamentos para serem reaproveitados em suas novas moradias ou vendidos.

¹⁷ Painéis resistentes constituídos por tiras de madeiras dispostas na mesma direção em camadas perpendiculares. São sustentáveis, uma vez que são feitos a partir de madeira de reflorestamento e utilizam até 90% do tronco, diminuindo a quantidade de matéria prima necessária para sua produção (Celere, 2022).



placas diferentes umas das outras. Esses recortes serão reaproveitados e dispostos no chão da exposição, simbolizando os fragmentos e rupturas geradas por essa situação, tanto no urbano, como na vida das pessoas impactadas.

As placas de OSB interligam-se a partir de dobradiças desenhadas especificamente para o projeto, em chapa metálica 26 (Figura 12), que permitem uma rotação de quase 360°, possibilitando o transporte e a composição de arranjos diferentes na exposição. Com um peso aproximado de 10 Kg, cada uma, as placas serão transportadas em cinco módulos¹⁸ de cinco unidades, cada uma, podendo ser compactadas em um formato sanfonado. Esses módulos relacionam-se através de encaixes por meio das lacunas geradas pela ausência de dobradiças, ou por vãos propositalmente estabelecidos, permitindo a passagem das pessoas e a permeabilidade do ambiente. Esses encaixes, as dobras dos módulos e as dimensões das chapas estão representados na Figura 13.

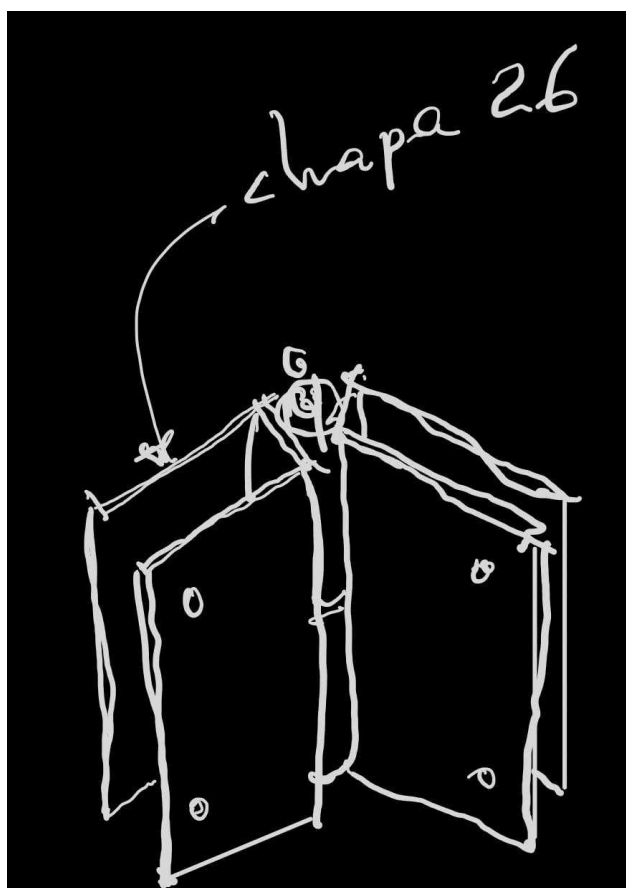


Figura 12: Croqui das dobradiças.
Fonte: Autoras (2024).

¹⁸ Padronizados em suas dimensões, porém variados no desenho dos recortes das fissuras.



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

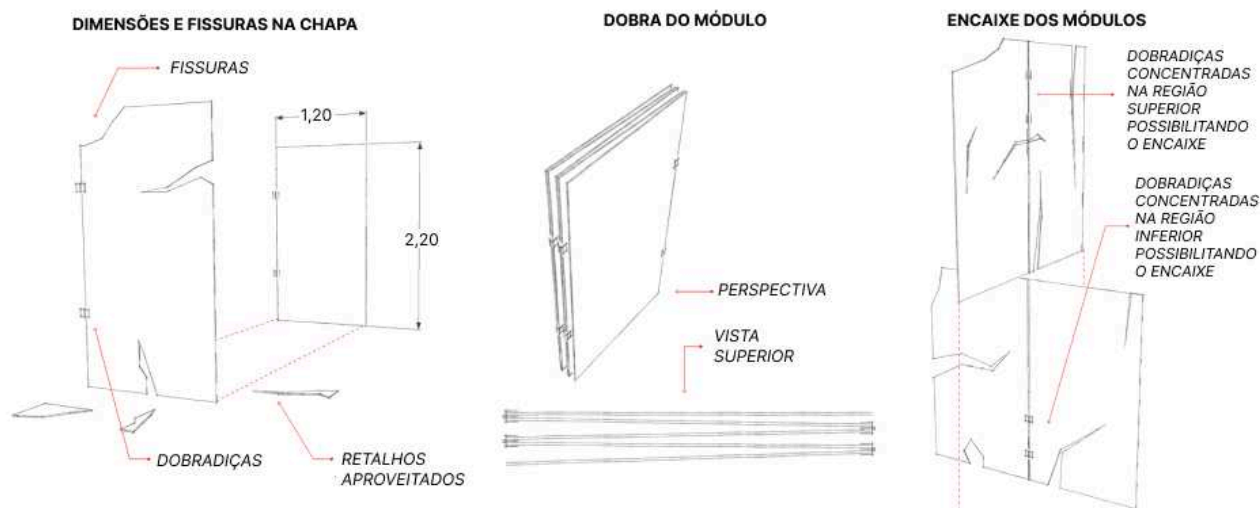


Figura 13: Esquematisação das chapas e suas modulações
Fonte: Autoras. (2024)

Originalmente em tons amarronzados e amarelados, as placas serão pintadas de cinza, remetendo aos blocos de concreto que fecham hoje as aberturas das edificações que ficaram para trás e à ausência de cor, simbolizando a tristeza e a frustração diante da expulsão. Segundo uma ex-moradora, lembra ainda as lápides de um cemitério, evocando a sensação de quem transita pelo bairro desocupado. Além disso, o cinza promove sobriedade e possibilita o destaque dos outros elementos com cor que vão compor a exposição.

Os elementos da estrutura proposta simbolizam a atual formação do bairro: casas com fissuras, sem coberturas e com vãos que um dia receberam as esquadrias (Figura 14). Para além dessa finalidade, alguns dos rasgos que representam esses vãos possuem também a função de passagem entre dois ambientes da exposição. Eles possuem, necessariamente, largura maior ou igual a 1 metro¹⁹, garantindo a acessibilidade de pessoas em cadeiras de rodas, e altura de aproximadamente 2 metros, provocando movimentos de desconforto e adaptação do corpo que precisa se curvar para acessar vãos mais baixos e, por vezes, disformes, buscando fazer referência às corporeidades que se estabelecem ao percorrer o bairro do Bebedouro nos dias atuais.

¹⁹ A NBR 9050:2015 exige que a largura mínima para a transposição de obstáculo isolado com extensão de no máximo 0,40 m seja de 0,80 m. Uma vez que o obstáculo (placa) possui extensão de 8 milímetros, faz-se acessível.



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024



Figura 14: Compilado de fotografias da visita de campo das autoras em Bebedouro.
Fonte: Autoras (2024).

Além disso, alguns vão referir-se às janelas. No caso da exposição, eles possuem a mesma função de possibilitar a vista do ambiente externo, uma vez que, para além dos 5 módulos atrelados, algumas chapas serão dispostas em torno da estrutura a fim de receber projeções de paisagens importantes para as pessoas que relataram suas memórias para este trabalho, como a Laguna Mundaú, por exemplo (Figura 15).



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

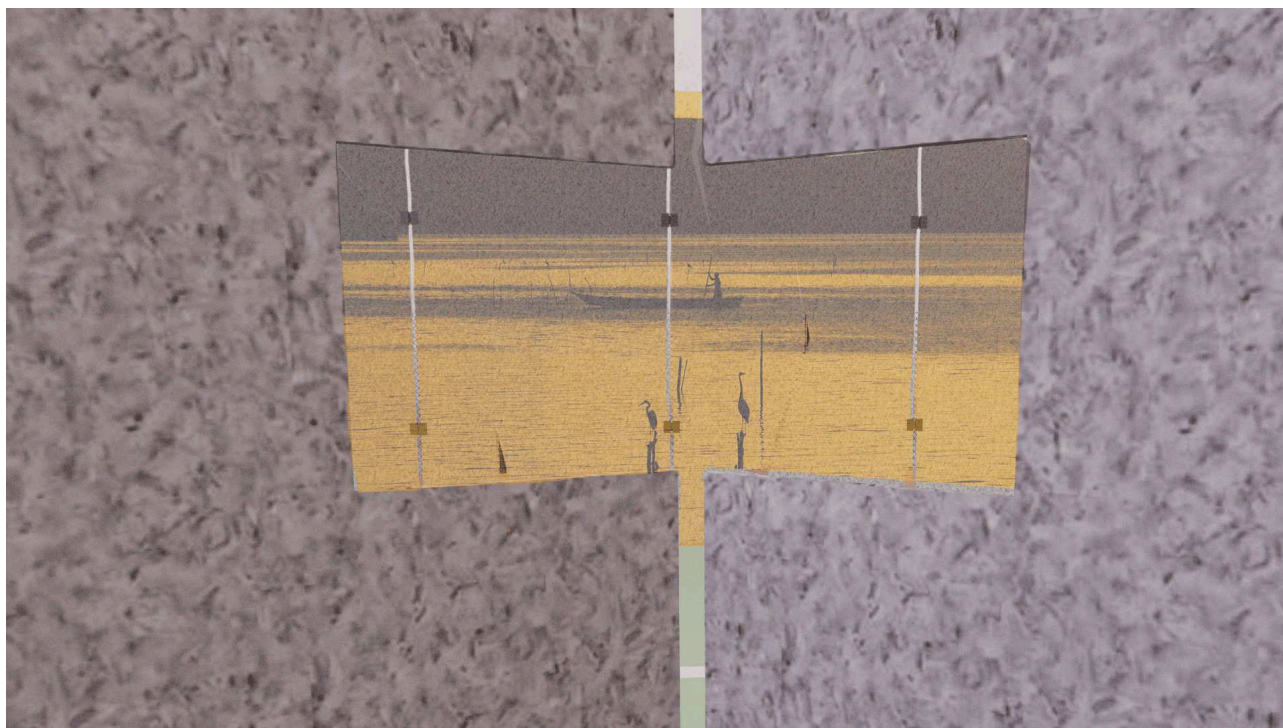


Figura 15: Colagem digital da vista da “janela” criada na estrutura para a projeção de vídeos da Laguna Mundaú.
Fonte: Autoras (2024).

Fazendo uso da tecnologia digital, a estrutura é tomada por projeções internas e externas que exibem imagens das celebrações, das manifestações culturais, dos personagens importantes para a história do bairro, da Praça Cel. Lucena Maranhão, da Igreja Matriz de Santo Antônio e de outros elementos citados pelas pessoas com quem conversamos. Introduzidas por uma apresentação a contextualizar a história do Bairro e sua importância para a cidade de Maceió, essas projeções serão realizadas com a tecnologia de *videomapping* (projeção mapeada), que consiste na projeção de vídeo em superfícies de modo a evidenciar a sua geometria. A partir da leitura do espaço onde se pretende projetar e da inserção da perspectiva, é possível encaixar perfeitamente a imagem no objeto. Pode-se ainda utilizar projeções múltiplas, criando estruturas digitais complexas e de alto impacto visual.

No âmbito sonoro, pretende-se associar a técnica de som *surround*, contribuindo com a imersão do participante na experiência, pois proporciona a sensação de que o som vem de todas as direções. O trem, o agito das feiras livres e as músicas dos festejos podem ser elementos difundidos a partir do som, que se misturam com o sentido visual das projeções, proporcionando vários estímulos concomitantes, referentes ao bairro. Além disso, propõem-se audiodescrição das imagens para que as pessoas com deficiência visual possam participar e compreender com clareza a exposição.

Ademais, a exposição propõe a exibição de peças doadas por ex-moradores e/ou frequentadores do bairro, que representem as práticas culturais associadas ao território como: vestimentas e acessórios dos folguedos, estandartes dos blocos de carnaval, objetos, instrumentos musicais, utensílios domésticos, entre outros objetos representativos dos saberes e fazeres, crenças, sentidos e valores (Figura 16).



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

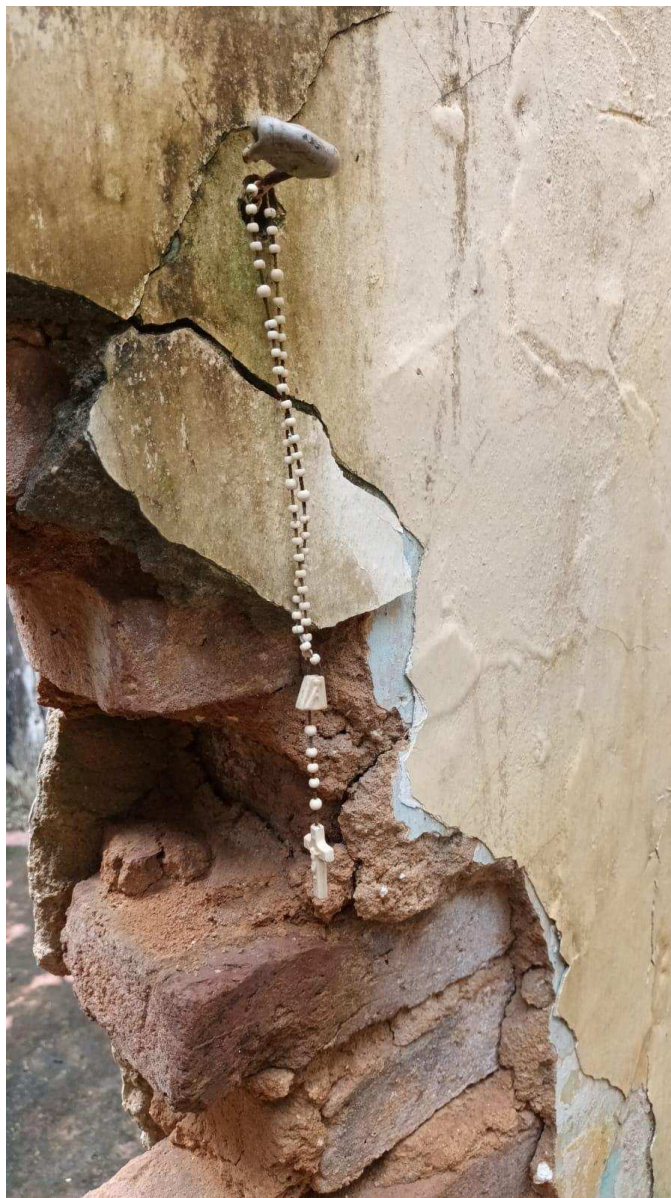


Figura 16: Terço pendurado em uma parede, deixado por um ex-morador entre as ruínas de uma residência.
Fonte: Karla Waleska Rocha. (2024)

Ainda visando criar relações simbólicas com a cultura popular antes existente no bairro, em contraponto com o cinza base da estrutura, deverão ser penduradas entre as fissuras e entrelaçando os rasgos, fitas de cetim coloridas (Figura 17), tão presentes nas celebrações, formas de expressões e demais manifestações como o guerreiro, a quadrilha, as procissões, etc. Espera-se também a interação dos visitantes, que podem atar as fitas em laços e nós, em uma associação aos laços afetivos rompidos, e que, se espera, possam ser reconstruídos em suas novas localidades. Podendo ser transportados, realocados e elaborados em novos arranjos de fitas e afetos.

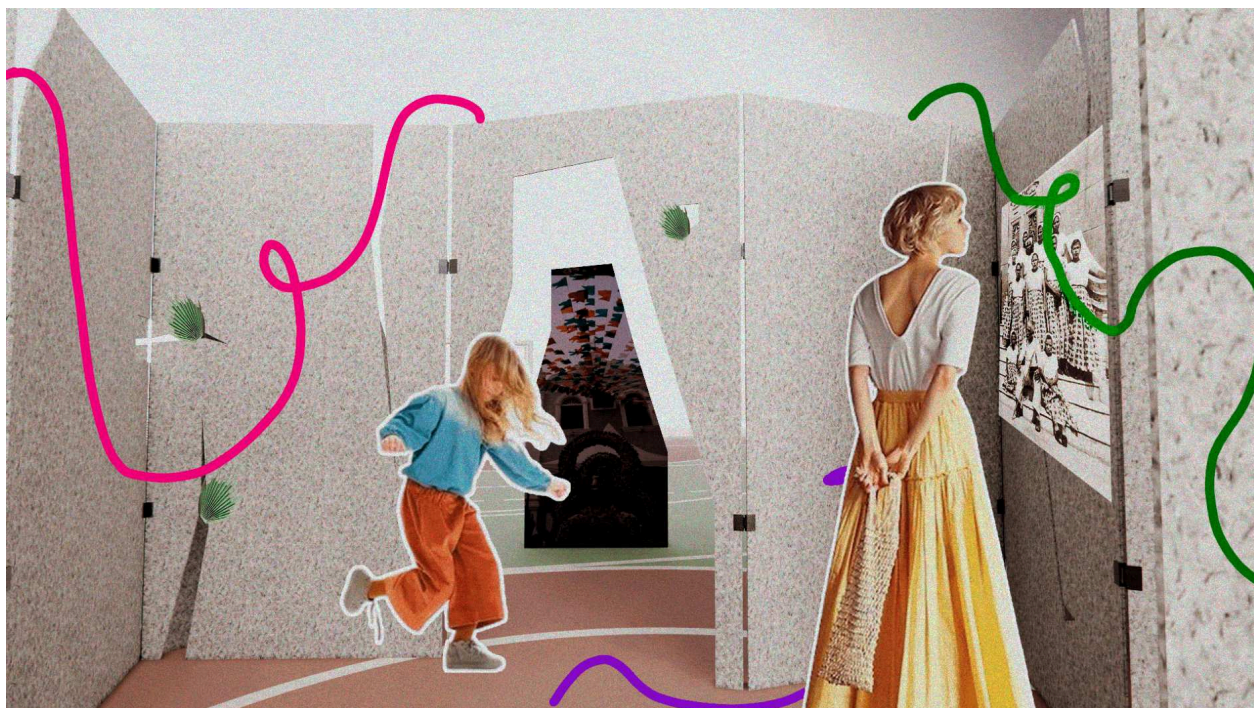


Figura 17: Colagem digital de perspectiva interna da exposição.
Fonte: Autoras. (2024)

De acordo com Nora (1993, p. 9):

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações...

Buscando ampliar o acervo de referências sobre o bairro, estarão disponíveis pequenos papéis verdes para que os visitantes/participantes possam contribuir (Figura 18) com mensagens escritas ou desenhos - considerando o público infantil - revelando as suas próprias memórias ou com relatos das percepções sobre as expressões ali expostas, que serão depositadas nas fissuras, colorindo o cinza, da mesma forma que a vegetação tomou conta dos espaços edificados.

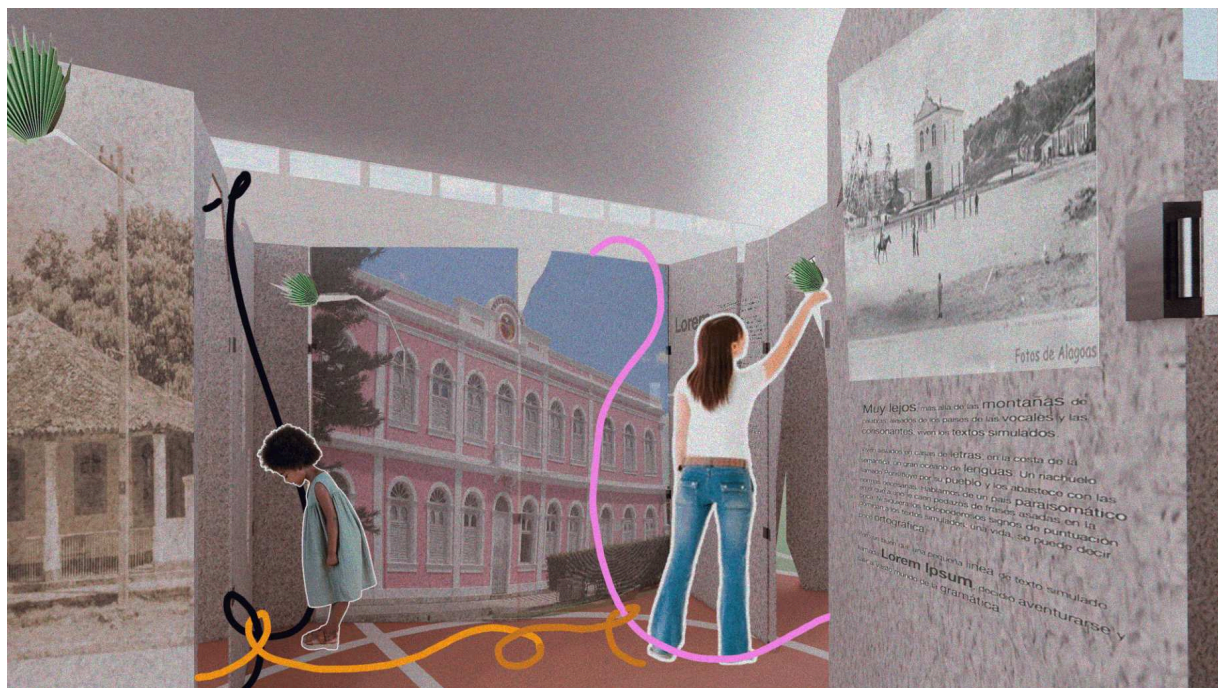


Figura 18: Colagem digital de perspectiva interna da exposição.
Fonte: Autoras. (2024)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta para a criação de um “lugar de memória” se dá em uma situação de muitas perdas, de descontinuidades e de mutilação em cinco bairros de Maceió. Regidos por expressões de dor e revolta, a população afetada vem lutando por ações de mitigação dos danos materiais e extrapatrimoniais. São inúmeras as reivindicações. Entre tantas, o presente artigo buscou refletir sobre a manutenção da memória em um território hoje desocupado, mas não inerte, porque permanece ativando memórias. Como relatado, o bairro do Bebedouro ainda vive nas lembranças das comunidades que continuam atribuindo significados e sentidos às atividades, que em sua diversidade, constituíram sua identidade.

O exercício projetual apresentado se deu por meio de um processo, cuja construção fundamentou-se na “história oral”, buscando identificar o que a comunidade entende por patrimônio cultural. A proposta foi concebida como uma tentativa de refletir sobre as demandas de um futuro incerto, posto que o fenômeno de subsidência ainda se encontra em curso, buscando manter vivas as referências culturais que emanam - na “história-memória” -, como cita Nora (1993, p. 7) - de um dos bairros, o Bebedouro.

A população se pergunta: “o que será feito dos bairros afetados?”. Não há respostas. Enquanto as incertezas criam espaço para as divagações, buscou-se olhar para as referências culturais presentes nas falas corriqueiras, em conversas cotidianas, sobre um passado que não se quer esquecer. Nesse sentido, faz-se importante difundi-las para os maceioenses, principalmente para as gerações mais novas, evitando que sua história caia em esquecimento ou, até mesmo, seja apagada.



Sabe-se, contudo, que a comunidade, quando questionada sobre os bens culturais materiais mais significativos no bairro, apontaram não apenas as edificações, mas as relações criadas com esses espaços, os significados a eles atribuídos e a conexão com as áreas onde eram praticados por mestres de saberes, aprendizes, brincantes, fazedores de cultura e grupos culturais populares e tradicionais. Ademais, percebe-se que o patrimônio edificado, acaba por ser definido como fundo e as manifestações tradicionais como figura, em uma cena em que a paisagem urbana é figurante, deixando para os diferentes sujeitos envolvidos o papel de atores principais.

As conversas informais com os ex-moradores, visitantes e pesquisadores, embora em pequeno número, foram fundamentais para o entendimento do bairro, caracterizando-o como um “lugar” dotado de um rico patrimônio, que mesmo desocupado deve ser preservado para as próximas gerações, pois se espera que em um futuro próximo possa haver uma reterritorialização da área. A “história oral”, como metodologia de coleta de dados para elaboração da arquitetura museológica efêmera, mostrou-se capaz de determinar elementos memoráveis, visto que cada pessoa conta sua história sob sua própria ótica e vivência, que, ao fim, contribui coletivamente para uma história em comum. De acordo com Halbwachs (2006, p. 25): “é porque concordam no essencial, apesar de algumas divergências, que podemos reconstruir um conjunto de lembranças de modo a reconhecê-lo”.

Os relatos da comunidade mostraram ainda, que embora o patrimônio cultural imaterial identificado, especialmente os de base popular e/ou tradicional, mantenha uma relação intrínseca com o ambiente físico – testemunho material dos conjuntos complexos e multidimensionais que as organizações sociais promovem – hoje resistem na memória, sendo este um valioso instrumento de salvaguarda para a continuidade das representações das diferentes manifestações no bairro. Anteriormente consolidados em meios físicos, inclusive no patrimônio edificado, percebe-se que a dissociação de seu contexto - cultural e natural – exige atenção quanto ao fortalecimento de “sistemas” que possam garantir a continuidade dos bens e práticas sociais atribuídos pelos diferentes sujeitos. Nesse sentido, a exposição proposta procura fomentar as memórias outrora consolidadas no território, como meio de perpetuação de um *continuum* histórico que ali se materializou.

Acredita-se que a exposição itinerante, apresentada neste artigo, possui o potencial de ser expandida para disseminar também as memórias dos outros quatro bairros afetados pela mineração (Pinheiro, Mutange, Farol e Bom Parto), como uma série que se intitularia “Dentro do Ba(i)rro” e receberia como subtítulo o nome do bairro exposto em questão. Além disso, idealiza-se a criação de um *website* constantemente atualizado, com função de acervo virtual dessas e outras coletas para que, mesmo com o fim do itinerário da exposição, as memórias sejam catalogadas e, especialmente, acessíveis para a população e para as próximas gerações.

Esses potenciais não foram explorados neste artigo por uma limitação de tempo de pesquisa, mas podem ser nutridos em projetos futuros. Outro entrave compreendido no processo foi a limitação no encontro de pessoas, outrora moradoras de Bebedouro e agora espalhadas pela cidade, que pudessem contar suas próprias memórias, em decorrência do crime ambiental.

Todas as etapas da pesquisa, para a fundamentação do presente artigo, foram capazes de revelar um patrimônio cultural que não pode ser esquecido, mais uma tragédia anunciada que não foi evitada, a semelhança de outros acontecimentos trágicos que assolaram o país e comprometeram a preservação de bens culturais, como os rompimentos das barragens de Brumadinho e Mariana, em Minas Gerais. Embora o território afetado não comporte mais os detentores dos saberes, o



conhecimento detido nos mestres e mestras, permanecem e podem ser compartilhados, transmitidos, perpetuados, a partir da reterritorialização de seus fazedores. Mantê-los, ainda que por meio de imagens e programas educativos entre crianças e jovens, difundindo-os, pode, quem sabe, ajudar a compreender os impactos da desocupação do território, contribuindo também com a sua salvaguarda, incentivando que os identifiquem como parte integrante de sua identidade cultural.

REFERÊNCIAS

Briones, Márcia. 2015. "*Sítios de consciência, memória e a comunicação*". Comunicação apresentada no: ALCAR 2015 - 10º Encontro Nacional de História da Mídia, Porto Alegre, Brasil, jun. 2015. <https://drive.google.com/file/d/1RwDJVMY5DUA82U65nWhFv6A1HFKZe1dk/view>.

Brandão, Théo. 2003. "*Folgedos Natalinos*". Maceió: Museu Théo Brandão.

Bueno, Eduardo. 2010. *Brasil: uma história: cinco séculos de um país em construção*. São Paulo: Leya.

Caffé, Eliane, diretora. Narradores de Javé. Riofilme, 2004. 1 hr., 40 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Trm-CyihYs8>.

Cardoso, A., Rechemberg. 2020. "*Bebedouro se ufana de ter-vos como padroeiro!*". Fotoetnografia da procissão de Santo Antônio, em Bebedouro, Maceió-AL. Fotocronografias. Disponível em: <https://medium.com/fotocronografias/bebedouro-se-ufana-de-ter-vos-como-padroeiro-c78bc3605b8f>

Duarte, Adriana; LIFAZ, Samara; LIMA, Silvia; LIMA, Ana Beatriz de; PEREIRA, Viviane. 2023. Levantamento do Patrimônio Imaterial nos bairros em subsidência: Mutange, Bom Parto, Bebedouro, Pinheiro e Farol. *Projeto de Pesquisa PIBIC 2022-2023*. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas.

Equipe Celere. 2022. "*OSB: o que é e como utilizar esse tipo de placa de madeira*". Celere. <https://celere-ce.com.br/construcao-civil/osb-o-que-e-e-como-utilizar-esse-tipo-de-placa-de-madeira/> (Acessado em 20 de agosto de 2024)

Flores, M. G.; Santos, M. O. S. dos; Gurgel, I. 2022. *Cartilha Marisqueiras*: Saúde das Mulheres das Águas. Recife: Fiocruz.

Guedes, G.; Cavalcante, G.; Gomes, M. C.; Cavalcante, M. E.; Silva, M. 2022. *Corrida de canoas*. Trabalho apresentado para a disciplina Conservação e Restauro 1. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Alagoas. Maceió.

Grossetête, Olivier. Documentsdartistes. Disponível em: <https://www.documentsdartistes.org/artistes/grossetete/repro2e.html>. Acesso em: 19 mai. 2024.

IDEAL (Instituto para o Desenvolvimento das Alagoas). 2021. *Cidade de Afetos*. Disponível em: <https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=1G8jX5zr8WrWNgyt6bQvNay2oHQmloo2H&ll=-9.6275655002732%2C-35.75180085749864&z=17>. Acesso em: 19 mai. 2024.

IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). 2016. *Educação Patrimonial: inventários participativos: manual de aplicação*. Brasília-DF: Iphan.



IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). 2012. *Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais* / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto e revisão Natália Guerra Brayner. 3. ed. Brasília, DF: Iphan.

IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). 2000. *Manual de aplicação do INRC*. Brasília, Iphan/DID.

Karla Waleska Rocha. 2024. Terço pendurado em uma parede, entre as ruínas de uma residência. Fotografia. Acervo Pessoal.

Lemos, João R. *Bebedouro: comunidade de história e de fé*. Maceió: Grafcerta e Editora Ltda., 2003.

Lins, Jonathan. Vista aérea do Bom Parto um dos bairros atingidos pelo desastre ambiental causado pela exploração de sal-gema pela Braskem em Maceió. Fotografia. Folha de São Paulo. 2024.
<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painel/2024/06/carmen-lucia-rejeita-acao-do-governo-de-alagoas-contracordo-da-braskem.shtml>. Acesso em: 19 ago. 2024

Halbwachs, M. 2006. *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro.

Jacobs, Jane. 1961. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

Nora, P., & Aun Khoury, T. Y. 2012. Entre Memória e História: a Problemática dos lugares. Projeto História: *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, 10. Disponível em:
<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>.

Pollak, Michael. 1992. *Memória e identidade social*. In: Estudos Históricos, 5 (10). Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro, Lith. Imperial de Ed. Rensburg. Planta e nivelamento para o encanamento das águas do riacho bebedouro à cidade de Maceió. 1859. Mapa. 50x39cm. Biblioteca digital Luso-brasileira.
<https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/40517>

Sacchettin, Priscila. 2021. De volta à caverna de Platão: notas sobre exposições imersivas. Disponível em:
<https://doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2021.185248>. Acesso em: 16 mai. 2024.

Secult, Secretaria de Estado da Cultura de Alagoas. 2016. *Alagoas: folguedos seus folclores & e suas andanças*. Maceió: Secult.

Tavares, Izinha. *Lagoa Mundaú*. 2014. <https://www.flickr.com/photos/101954806@N05/13616173343/>.

Ticianeli, E. 2015. *Bonifácio, o Major da folia*. Disponível em:
<https://www.historiadealagoas.com.br/bonifacio-o-major-da-folia.html>. Acesso em: 16 mai. 2024.

Tribuna Hoje. “Afundamento de bairros afeta saúde mental de moradores em Maceió”. Atualizando em 11 abr. 2023 às 12h12.
https://tribunahoje.com/noticias/cidades/2023/04/11/118986-afundamento-de-bairros-afeta-saude-mental-de-moradores-em-maceio#google_vignette

Vassileva, M., Al-Halbouni, D., Motagh, M. et al. 2021. *A decade-long silent ground subsidence hazard culminating in a metropolitan disaster in Maceió, Brazil*. *Sci Rep* 11, 7704.
<https://doi.org/10.1038/s41598-021-87033-0>.



Vitruvius. (2018). *Olivier Grossetête performance coletiva: construção efêmera da Catedral da Sé no Sesc Parque Dom Pedro II, São Paulo*. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/jornal/agenda/read/7597>. Acesso em: 19 mai. 2024.